

O ENSINO DO ATLETISMO NA PERSPECTIVA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

Made Júnior Miranda¹

RESUMO: O ensino do Atletismo na abordagem crítico-emancipatória proposta por Elenor Kunz se fundamenta nos pressupostos da teoria da ação comunicativa de Habermas proveniente dos ideários marxistas da Escola de Frankfurt. Kunz propõe uma reflexão sobre as possibilidades de se ensinar esportes pela sua transformação didático-pedagógica, de modo que a Educação contribua para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e jovens. Assim, no desenvolvimento dos conteúdos do atletismo como, por exemplo, na modalidade de arremesso de peso podemos contemplar as funções biológica, sinestésica e integradora propiciando a emancipação do aluno pelo processo contínuo de libertação das condições limitantes de suas capacidades racionais-críticas.

PALAVRAS CHAVE: Ensino. Atletismo. Crítico-emancipatória.

TEACHING OF ATHLETICS IN CRITICAL PERSPECTIVE-EMANCIPATORY

SUMMARY: The teaching of Athletics in critical-emancipatory approach proposed by Elenor Kunz is based on the assumptions of the theory of communicative action Habermas from the Marxist ideologies of the Frankfurt School. Kunz proposes a reflection on the possibilities of teaching sports for its didactic-pedagogic transformation, so that education contributes to critical thinking and emancipation of children and youth. Thus, in developing the content of athletics, for example, the type of shot put can contemplate biological functions, kinesthetic and integrator providing a student's emancipation by the continuous release of the limiting conditions of rational-critical capabilities.

KEYWORDS: Education. Athletics. Critical-emancipatory.

¹ Docente do curso de Ed. Física PUC-GO/ UEG-ESEFFEGO. E-mail: madejr@ig.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O ensino do Atletismo na perspectiva crítico-emancipatória requer como pré-requisitos dos sujeitos envolvidos no processo de ensino, o conhecimento e a habilidade de articulação dos pressupostos teóricos que fundamentam tal perspectiva de ensino. A “didática comunicativa” como é conhecida entre nós, tem seus conceitos centrais extraídos dos pensadores marxistas, entre os quais podemos destacar Jürgen Habermas. O objetivo deste texto é fazer uma reflexão sobre as possibilidades de se ensinar a modalidade esportiva atletismo pela perspectiva crítico-emancipatória, analisando sua fundamentação teórica e sua aplicabilidade na aprendizagem do arremesso de peso conforme a proposta de Elenor Kunz. Assim trabalhamos inicialmente o ideário de pensadores da Escola de Frankfurt, mais especificamente o pensamento de Habermas (1999) que por sua vez está muito presente na obra de Kunz (1994). Fizemos um recorte histórico da prática tradicional do atletismo em contraste com os pressupostos da abordagem crítico-emancipatória. Por fim propomos uma situação prática de colocar em atividade no arremesso de peso as três fases de ensinar pela transcendência de limites apresentadas por Kunz (1994).

2 DESENVOLVIMENTO

Para melhor compreensão da abordagem de ensino esportivo crítico-emancipatória precisamos iniciar com a percepção da proposta da ação comunicativa de Habermas (1999). O que está posto nas teorias deste autor alemão é a reconstrução das teorias de Marx, Weber, Mead e outros da Escola de Frankfurt. Busca-se a compreensão da evolução social enquanto processo duplo de alienação e relações sociais de poder definidas por interesses distintos de diferentes grupos sociais. As idéias deste autor propõem um avanço com a expansão de processos de reflexão e aprendizagem capazes de criar uma cultura de desenvolvimento do potencial emancipação social individual e coletiva desprovida dos aspectos reprodutores da racionalização instrumental e muito mais ético. Procura-se mostrar

que na racionalização da sociedade moderna, há um potencial para a emancipação humana, obviamente sem as convicções do que é progresso na visão da ciência moderna e da economia capitalista.

Os estudos sobre a 'razão' apresentados na teoria da ação comunicativa se inseriram nos interesses da Escola de Frankfurt. Contudo, os próprios representantes da Teoria Crítica não definiram um conceito de razão que por si só contrapusesse a razão instrumental. Assim, Jurgem Habermas a partir da crítica a Marx e influenciado pela teoria social de Max Weber constrói uma teoria da evolução social recuperando o potencial da razão e vinculando esse potencial a processos de aprendizagem, no nível individual e coletivo. O que observa é que a forma como se pratica a ética e a cultura é que vai definir a forma de racionalização instrumental na sociedade. Ou seja, este modo opressivo de viver se estabelecerá de acordo com o desenvolvimento dos valores e ética empregados na definição dos meio-fins na base produtiva da sociedade (HABERMAS, 1999; BANDEL, 2006).

De acordo com Libâneo (2005), este desdobramento da Teoria da Ação Comunicativa pertence a Corrente Sociocrítica, onde a educação objetiva a compreensão da realidade para transformá-la, propiciando a construção de novas relações sociais e viabilizando a superação das desigualdades sociais e econômicas. Portanto, deve considerar sobremaneira os efeitos do currículo oculto e do contexto da ação educativa nos processos de ensino e aprendizagem, e freqüentemente revendo seus conteúdos a partir da análise ideológica e política. Assim, como escreveu Libâneo (2005, p.33), na teoria curricular crítica ou na sociologia crítica do currículo “[...] O currículo tem a ver menos com a seleção e organização de conteúdos e mais com as experiências socioculturais que fazem da escola um terreno de luta e de contestação para se criar e produzir cultura”.

A aplicação do pensamento de Habermas para a prática pedagógica quando analisado o projeto de modernidade dentro do que ele chamou de racionalidade, nos remete a necessidade de rever a emancipação humana através de processos de reprodução social, ou seja, a racionalização da sociedade, relação meio-fins, por vezes afasta as pessoas da ética, dos valores em geral e do domínio da razão e acaba por institucionalizar a aprendizagem da razão instrumental na sociedade. Assim, a escola, vista como espaço de formação parece ser o local

adequado para apropriação das teorias de Habermas considerando a emergência de uma nova racionalidade, que favoreça a reconstrução da sociedade e a reinvenção da cultura. Nessa perspectiva, a ação comunicativa, ao ser desenvolvida sistematicamente, coincide com os objetivos de uma educação que visa à formação de indivíduos críticos e participativos, conforme as idéias produzidas pela Escola de Frankfurt. Acreditamos que o valor pedagógico das teorias de Habermas está na base de fundamentação dos objetivos educacionais, ou seja, na possibilidade do desenvolvimento da capacidade de diálogo, da competência comunicativa e da emancipação do indivíduo entendida pelo teórico como o centro das decisões comunitárias (BANNEL, 2006; PRESTES, 1988; COHN, 1993)

O que Habermas percebeu e que pode ser objeto de apropriação da escola, é que através do diálogo, o homem pode retomar o seu papel de sujeito. Através da linguagem podemos comunicar percepções e desejos, intenções, expectativas e pensamentos. Enfim, as condições sociais, a miséria, a fome, a corrupção, a violência, o sub-emprego, o desemprego entre outros, são resultado de um processo histórico e que, portanto, pode ser mudado pela própria sociedade. Habermas se preocupou com uma teoria social que articulasse o mundo da vida e do sistema, entendidos como o espaço de vivência comum das pessoas que envolve os saberes e experiências pessoais e sociais, a cultura, a linguagem, a partir do qual os indivíduos podem adotar ações racionais e o mundo das organizações econômicas e políticas da sociedade representadas no capitalismo pelo dinheiro e pelo poder (IDEM, 1987).

Neste sentido a racionalidade comunicativa refere-se à capacidade dos indivíduos de estabelecerem relações com o mundo físico, com os objetos, com os outros, com os nossos desejos e sentimentos e, portanto, essa racionalidade se dá no mundo da vida (HABERMAS, 1987).

No Brasil, a perspectiva crítico-emancipatória se configura na base da teoria da ação comunicativa. Kunz (2002; 1994; 1991) apresenta uma produção substanciada onde sua proposta principal se configura numa reflexão sobre as possibilidades de se ensinar esportes pela sua transformação didático-pedagógica, de modo que a Educação contribua para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e jovens. Conforme Kunz (1994) necessitamos nas escolas de uma

educação mais emancipadora no sentido de uma formação mais voltada para a cidadania do jovem e menos pragmática na perspectiva da mera instrumentalização técnica do cidadão para o mercado de trabalho.

Nesta concepção educacional a emancipação pode ser entendida como um processo contínuo de libertação do aluno das condições limitantes de suas capacidades racionais-críticas e até mesmo do seu agir no contexto sociocultural e esportivo. O conceito crítico pode ser entendido como a capacidade de questionar e analisar as condições e a complexidade de diferentes realidades permitindo o 'agir comunicativo'. Desta forma, o aluno deve ser capacitado para sua participação na vida social, conhecendo, reconhecendo e problematizando seus sentidos e significados pela reflexão crítica. Neste sentido depreendemos que pensar o ensino do atletismo exige, inicialmente, uma reflexão acerca dos fatores que o caracterizam socialmente, historicamente e culturalmente, como ponto de partida para identificação do seu cenário a ser transformado e dos seus limites a serem transcendidos (KUNZ, 1994).

O atletismo, assim como outras formas representativas da sociedade, traz no seu bojo toda uma construção histórica que reflete na sua realidade e no seu acontecimento no âmbito social. Kirsch et al (1983), reportando-se a história medieval do atletismo, faz referência a uma prática tradicional do atletismo ainda presente em nosso meio, onde o que prevalece é a valorização do "*citius*" ou mais rápido, "*altius*" ou mais alto e "*fortius*" ou mais forte, portanto a perspectiva do rendimento absoluto, da elitização e do rendimento prematuro.

Esta representação de competitividade, seletividade, exclusão e de adestramento do movimento humano é tem raízes antigas na história da modalidade e que acaba configurando-se como fatos naturais no fazer e sentir esportivos, limitando as possibilidades educativas pelo esporte (KIRSCH, 1983). Assim sendo, a abordagem pedagógica crítico-emancipatória pretende rever a emancipação humana através de processos de reprodução social, revendo a ética, os valores em geral e o domínio da razão. A racionalidade instrumental, aquela que dá as coisas como certas, sem mesmo um consenso, sem interatividade e sem um diálogo que considera os sentimentos, deve dar lugar para a racionalidade comunicativa, onde,

pela linguagem podemos comunicar percepções e desejos, intenções, expectativas e pensamentos (HABERMAS, 1999).

Contudo, para além de concepções de ensino condizentes com seu tempo histórico, a prática pedagógica requer de conteúdos e métodos que favoreçam os fins educacionais. Logo, como deve ser uma aula de atletismo na perspectiva crítico-emancipatória, admitindo-se que ela deve contribuir para a reflexão crítica, para a participação de todos em todas as instâncias de decisão, na apropriação da cultura, enfim no desenvolvimento das ações comunicativas (KUNZ, 1994)?

Kunz (1994) propõe três fases de ensinar pela transcendência de limites. Na primeira os alunos descobrem pela própria experiência manipulativa as formas e meios para uma participação bem sucedida em atividades de movimentos e jogos, o aluno é colocado e confrontado com a realidade. A seguir devem manifestar pela linguagem ou representação cênica o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição, apontando caminhos, soluções para os problemas. Por fim, os alunos devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem, externalizando o que foi apreendido, apropriado, para identificarmos o que de fato foi internalizado.

Com base na proposta de transcendência de limites de Kunz (1994) passaremos a esboçar uma situação de aula para jovens escolares iniciantes no atletismo. Conforme salienta o autor é importante que qualquer que seja a atividade projetada para ser desenvolvida não podemos nos furtar de explorar os aspectos essenciais da modalidade, quer sejam a possibilidade de desenvolvimento das capacidades físicas básicas, a função sinestésica favorecendo as destrezas motoras e a função integradora com o desenvolvimento da competência social pela ação comunicativa no esporte. Assim, exemplificando no arremesso de peso podemos criar a seguinte problemática capaz de levar os alunos a vivenciarem as três fases da transcendência de limites previstas por Kunz (1994). No primeiro momento colocaremos uma situação para ser problematizada por todos os alunos:

- Supondo-se que em uma turma heterogênea de 20 alunos é posta a seguinte situação: precisamos percorrer 4 distâncias nas direções norte, sul, leste e

oeste. Cada distância equivale a exatos 50 metros e deve ser percorrida somando-se os arremessos individuais de todos os participantes.

- No segundo momento os alunos apresentarão uma proposta discutida coletivamente e que julgam ser capaz de resolver o problema. Provavelmente se organizarão em grupos e cada grupo percorrerá a distância em uma das direções cardeais, arremessando os pesos e somando-se as distâncias.

- No terceiro momento é provável que tenham chegado a imprecisões com relação aos exatos 50 metros, ou não. Assim poderemos abrir um diálogo mais amplo para externalizarmos e trocarmos nossas experiências e chegando a um novo patamar de cultura sobre arremessos. A parte principal deste artigo, o “Desenvolvimento”, pode ser melhor explorado seguindo uma sequência textual lógica, integrando um parágrafo no outro e seguir a proposta apresentada na introdução, ou refaça a introdução de acordo com sua versão final do desenvolvimento do trabalho. O mesmo apresenta algumas confusões e falta concordância nominal e verbal.

3 CONCLUSÃO

Pensar o ensino do atletismo na perspectiva crítico-emancipatória nos remete a adotar atitudes de desconstrução do espírito excessivamente centrado na competição e na concorrência entre as pessoas, construindo imagens de solidariedade, cooperação e principalmente a consciência crítica. Assim, a aula, nesta perspectiva deve conduzir o aluno à autonomia plena pelo exercício do diálogo mantendo uma estrutura que possibilite o desenvolvimento das atividades que contemplem a função biológica, sinestésica e integradora. Na questão social mais ampla e analisando a emancipação como sendo o exercício da liberdade podemos concluir que a perspectiva crítico-emancipatória sinaliza para a possibilidade de uma sociedade mais humana onde a expressão do indivíduo dentro da coletividade é sobretudo respeitada.

BIBLIOGRAFIAS

BANNEL, R. I. **Habermas e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COHN, G. A teoria da ação em Habermas. In: Carvalho, M. C. Brant de. **Teorias da ação em debate**. São Paulo: Cortez/FAPESP/IEE-PUC, 1993.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1999. Trechos seleccionados.

_____. **Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social**. Trad. de Manuel Jiménez Redondo. 4 ed. Madrid: Taurus, 1987. 517p. (Original alemão).

KUNZ, E. **Didática da Educação Física**, Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

_____. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

_____. **Educação Física: ensino & mudanças** / Ijuí: Unijuí, Editora, 1991

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (Orgs.) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2005.

PRESTES, N. H. O polêmico debate da educação na contemporaneidade: a contribuição habermasiana. In: PUCI, B.; ZUIN, A. A. (Org.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis: vozes/UFSCar, 1988.

KIRSCH, A.; KOCH, K.; ORO, U. **Antologia do atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.